AS ONGS AMERICANAS QUE PREPARARAM A UCRÂNIA PARA A GUERRA DESDE OS ANOS 1990 – PARTE 1

*Por Nikola Mirkovic**



Meysam Azarneshin /Adobe Stock.

Financiado pelo Congresso dos Estados Unidos, o National Endowment for Democracy (NED), em conjunto com outras ONGs americanas, apoia aqueles que Washington quer ver no poder no estrangeiro.

AS ONGS AMERICANAS E O GOLPE DE 2014 EM KIEV

A Ucrânia é uma ponte natural entre a Rússia e a União Europeia. Era, portanto, uma região estratégica a ser protegida por todos os europeus para garantir a estabilidade, prosperidade e segurança do continente. Conscientes disso, os EUA, que não querem uma Europa poderosa e muito menos uma Rússia forte, há décadas concentram esforços para impedir que a Ucrânia seja essa porta natural. Para os neoconservadores americanos, ao contrário, é necessário separá-la do mundo russo e anexá-la ao mundo atlanticista, voluntariamente ou pela força.

Em *The Grand Chessboard*, Zbigniew Brzezinski identificou que "sem a Ucrânia, a Rússia deixa de ser um império na Eurásia". A fim de promover uma nova elite ucraniana pró-EUA e pró-UE, Washington implantou, mesmo antes da queda da URSS, seu *softpower* por meio de suas ONGs atlanticistas e progressistas enviadas a Kiev. Neste primeiro artigo veremos como os EUA usam muitas organizações subsidiadas para influenciar, financiar e interferir na política soberana da Ucrânia. Em um segundo artigo, veremos como Washington contou também com

associações amigáveis, como a ONG Open Society, de George Soros, para transformar a sociedade ucraniana por dentro antes e depois do golpe pró-atlanticista em Kiev em 2014.

Durante uma audiência perante o subcomitê europeu do Comitê de Relações Internacionais da Câmara dos Representantes dos Estados Unidos em 2004, soubemos que a ONG americana National Endowment for Democracy (NED) está presente na Ucrânia desde 1988, ou seja, até antes da queda da URSS. O NED foi fundado em 1983, de acordo com seu site, "na ideia de que a ajuda externa americana em nome da democracia seria boa tanto para os Estados Unidos quanto para aqueles que lutam em todo o mundo por liberdade e autogoverno". Seu *website* também afirma que o NED "permaneceu na vanguarda das lutas democráticas em todo o mundo, enquanto evoluiu para uma instituição multifacetada que é um centro de atividades, recursos e intercâmbio intelectual para ativistas, praticantes e estudiosos da democracia em todo o mundo".

Apesar da aparência altruísta, na verdade é uma correia de transmissão para apoiar projetos de influência e interferência americanos no exterior. O NED é financiado pelo Congresso dos Estados Unidos, que assim apoia aqueles que os EUA querem ver no poder no estrangeiro. Para o historiador americano William Blum, o NED é "uma obra-prima da política, das relações públicas e do cinismo". Ele acredita que o NED manipulou as eleições na Nicarágua em 1990 e na Mongólia em 1996, ajudou a derrubar os governos eleito democraticamente na Bulgária em 1990 e na Albânia em 1991 e 1992. Foi novamente o NED que derrotou o candidato eslovaco a primeiro-ministro em desgraça com Washington e que financiou amplamente a oposição a Hugo Chávez na Venezuela em 1999 até 2004.

O NED tenta se fazer passar por uma organização neutra, movida pela defesa da democracia. Seus administradores não podem ocupar cargos no governo americano ao mesmo tempo, mas o fato é que muitos administradores do NED foram conselheiros ou membros muito influentes do governo americano, tais como Elliot Abrams, Henry Kissinger, Franck Carlucci, Zbigniew Brzezinski, Paul Wolfowitz, Wesley Clark ou Madeleine Albright.

Ainda segundo William Blum, o NED ou organizações amigas como a U.S. Agency for International Development (USAID) têm "quantos recursos financeiros forem necessários e muitas cenouras e cajados para sacudir". Ele continua: "Eles organizam conferências e seminários, distribuem toneladas de material e fundam novas ONGs, novos jornais e outras mídias.

Tudo isso é feito para ensinar aos funcionários do governo e outros setores seletos da população os benefícios e as alegrias de privatizar e desregular a economia, ensinando-os a organizar uma sociedade capitalista, a reconstruir o país para torná-lo atraente para investidores estrangeiros, como escorregar alegremente para os braços do Banco Mundial e do FMI. Essas organizações se dão a aparência de neutralidade e generosidade, mas seu objetivo é trazer para a chefia do poder em países estrangeiros homens formatados na doxa americana".

Allen Weinstein, historiador americano, funcionário público sênior e fundador do NED, diz, sem nenhuma vergonha: "Muitas das coisas que fazemos hoje foram

feitas secretamente pela CIA há 25 anos". Quando os Estados Unidos não conseguem o que desejam por meio de seus vassalos, por meio de intrigas ou infiltrados em países estrangeiros, não hesitam em fomentar revoluções coloridas e pedir a derrubada de governos em vigor, mesmo que sejam eleitos democraticamente. Os EUA recusam-se a assumir sua responsabilidade nestes acontecimentos que se pretendem espontâneos, nacionais e populares, mas a realidade é que agem nos bastidores, canalizam fundos e são onipresentes para coordenar as revoltas.

Os marionetistas americanos têm sido muito ativos na Iugoslávia ("Otpor", 2000), Geórgia ("Revolução Rosa", 2003), Quirguistão ("Revolução das Tulipas", 2005), Bielorrússia ("Revolução Jeans", 2005, e novamente em 2020), Líbano ("Revolução dos Cedros", 2005) e na Armênia ("Revolução de Veludo Armênio", 2018). Também o são no resto do mundo no Afeganistão, Iraque, Líbia, Síria, Somália… Falando em revoluções coloridas, o jornalista francês Alain Guillemoles, que tenta minimizar o poder da interferência atlanticista, admite: "De fato, em Belgrado e Tbilisi, como em Kiev, havia um movimento jovem muito organizado, cada vez com o mesmo *know-how*, e que serviu de vanguarda da revolução."

Ele também encontrou, a cada vez, apoio financeiro do Ocidente, parte do qual foi dado pelas fundações Soros, mas também pela Freedom House, fundação dirigida pelo ex-chefe da CIA, James Woolsey, pela Eurasia, pela Carnegie ou pelo National Republican Institute, filiado ao Partido Republicano e cujo presidente foi John McCain, peso-pesado do partido, ou pelo seu homólogo democrata, o National Democratic Institute, que foi dirigido por Madeleine Albright, ex-secretária de Estado da Administração Clinton.

Existem ainda algumas ONGs americanas como a Internews e a Irex Pro Media que treinaram jornalistas de acordo com os padrões ocidentais. Entre 2014 e fevereiro de 2022, o NED forneceu US$ 22 milhões em financiamento para mais de 300 projetos na Ucrânia com o objetivo de colocá-la contra seus irmãos russos e anexá-la ao campo atlanticista.

O ex-dissidente soviético Alexander Solzhenitsyn entendeu a estratégia atlanticista das revoluções coloridas. Em uma entrevista, ele disse: "Há pouca diferença entre as ações da OTAN e as ações dos Estados Unidos individualmente." Vendo claramente que a Rússia atual não representa nenhuma ameaça para eles, a OTAN está metodicamente e persistentemente expandindo seu aparato militar – na Europa Oriental e no continente russo a partir do sul." Isso inclui material aberto e apoio ideológico para as revoluções "coloridas" e a introdução paradoxal dos interesses do Atlântico Norte na Ásia Central.

Tudo isso não deixa dúvidas de que um cerco completo da Rússia e a perda de sua soberania estão sendo preparados. Não, a adesão da Rússia a essa aliança euro-atlântica – que faz propaganda e introduz violentamente a ideologia e as formas atuais de democracia ocidental em várias partes do planeta – levaria não à expansão, mas ao declínio da civilização cristã.

Pelo prisma desse olhar, entendemos que o NED e as ONGs americanas funcionam como garantia moral de um imperialismo que sabe ser discreto. Levando a

democracia a Estados que parecem carentes dela, elas na verdade servem como retransmissoras da hegemonia americana, cujo poder elas estendem. Prometendo a urna, elas impõem sujeição. Dissimulando-se atrás do sufrágio, elas escondem a realidade de uma nova servidão.

Publicado no Le Dialogue.

***Nikola Mirkovic** é analista político internacional especializado nas relações entre a Europa Oriental e Ocidental e os Estados Unidos. É autor dos livros "Le chaos ukrainien: Comment en est-on arrivé là? Comment en sortir ?", "Bienvenue au Kosovo" e "Le martyre du Kosovo", que tratam do imperialismo americano e suas relações e influências no mundo em geral e no mundo eslavo-ortodoxo em particular.*